

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

APARECIDA ÉLLEN DOS SANTOS CIPRIANO BORGES

**LEITURA: UMA PERCEPÇÃO DA ANTIGUIDADE GREGA À
ATUALIDADE**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2014

APARECIDA ÉLLEN DOS SANTOS CIPRIANO BORGES



**LEITURA: UMA PERCEÇÃO DA ANTIGUIDADE GREGA À
ATUALIDADE**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Umuarama - PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof.ª Janete Santa Maria Ribeiro

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2014



TERMO DE APROVAÇÃO

LEITURA: UMA PERCEPÇÃO DA ANTIGUIDADE GREGA À ATUALIDADE

Por

APARECIDA ÉLLEN DOS SANTOS CIPRIANO BORGES

Esta monografia foi apresentada às 19h30m do dia 24 **de outubro de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Umuarama, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof^a Dr. Maria Fátima Menegazzo Nicodem
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^o Me. Cidmar Ortiz dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Me. Elisângela A. R. Silva
Tutora Presencial- Polo UAB – Umuarama

Prof^a. Me. Janete Santa Maria Ribeiro
UTFPR – Câmpus Medianeira
(Orientadora)

Dedico a Deus, em quem tenho confiado.
A minha família, que muito me apoiou.
E a minha grande amiga e incentivadora Lucimara Simão da Rocha.

AGRADECIMENTOS

A Deus principalmente, pelo dom da vida, pela fé e perseverança que me guiam e me fortalecem nas dificuldades.

Aos meus pais e meu esposo pelo incentivo nesse percurso de pós-graduação e durante todos os momentos de minha vida.

A minha orientadora Professora Mestre Janete Santa Maria Ribeiro pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Sou também muito grata aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Não posso deixar de ressaltar a importância dos tutores presenciais e a distância que nos ajudaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós
ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos
sempre. (PAULO FREIRE)

RESUMO

APARECIDAÉLLEN dos Santos Cipriano Borges. *Leitura Na Escola: Uma Percepção Desde a Antiguidade Grega Até a Atualidade*. 2014. 37. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho tem como temática apresentar de forma sucinta a trajetória da história da leitura desde a antiguidade grega até nossos dias. Depois, refletir sobre o conceito de leitura e como esta se dá no âmbito escolar. Também se analisa a inserção das novas tecnologias nesse processo de ensino\aprendizagem que permite ao aluno reconstruir sua visão em relação às aulas de leitura, tornando-a prazerosa, com liberdade para se expressar, trabalhando o senso crítico dos educandos. Interessa ressaltar que se trata de um trabalho de cunho bibliográfico. Um dos pontos discutidos neste trabalho é sobre as práticas sociais da leitura e sua importância na formação do educando por meio do trabalho da prática de leitura em sala de aula.

Palavras-chave: história da leitura. Práticas da leitura. Sala de aula. Tecnologia.

ABSTRACT

Reading In School: A Perception Since Greek antiquity to the present.
Monograph (Specialization in Education: Methods and Techniques of Teaching).

This work has the theme briefly to present the path of history of reading since Greek ancient times until the present day. Then reflect on the concept of reading and how this happens in schools. It also analyzes inserting the new technologies in the teaching process\learning that allows students to rebuild their view of the Reading classes, making it pleasant, with the freedom to express themselves, working their critical thinking. It is interesting to emphasize that it is a study of bibliographic nature. One of the issues discussed in this paper is on the social practices of reading in each period and the importance of training the student to develop the work of the practice of reading in the classroom.

Keywords: reading history. Reading practices. Classroom. Technology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	13
2.1 TIPO DE PESQUISA.....	13
3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	16
3.1 A LEITURA NA ANTIGUIDADE E SUA FUNÇÃO SOCIAL.....	18
3.2 O LIVRO E SEUS FORMATOS.....	20
3.3 A LEITURA NA IDADE MÉDIA.....	21
3.4 O TEXTO ESCRITO E A LEITURA: NA BAIXA IDADE MÉDIA.....	23
3.5 A LEITURA MODERNA E CONTEMPORÂNEA- Concepções e o Ambiente Escolar.....	24
3.6 LEITURA E TECNOLOGIA.....	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Falar da leitura em sala de aula é algo problemático e de outrora. Porém é importantíssimo para a formação básica do aluno, enquanto cidadão ativo e crítico e consciente da sociedade que o cerca. Por isso, torna-se fundamental traçar aqui um esboço para se conhecer a trajetória da leitura, como esta se deu no decorrer do tempo: quem lia, por que se lia, para quem se lia. Este trabalho fala da leitura na Grécia antiga e sua transfiguração com o passar dos anos. Posteriormente serão analisadas as práticas docentes nas aulas de leitura, de Língua Portuguesa. Discute-se a inserção das tecnologias no processo de ensino/aprendizagem nas aulas de leitura.

A leitura historicamente enquanto prática social, sempre esteve presente nas sociedades de várias épocas. E ficou registrada no tempo, nas diversas esferas da sociedade, tais como, política, educação, cultura e religião. Este trabalho pretende abordar uma sucinta história da leitura. E observar como se dá a leitura no ambiente escolar atualmente.

Na primeira parte do trabalho sobre a “Leitura na Grécia Antiga”, analisam-se as formas de ler e nos tempos primordiais. O segundo ponto está relacionado ao livro em si e seus diferentes formatos no decorrer da história. Assim como sua relação com a sociedade da época.

Depois, um breve resumo sobre a leitura na Idade Média - a ruptura com a oralidade, as escolas, as universidades e o período de domínio cultural e político da Igreja Católica – cristã sobre a sociedade – Apresenta-se a Baixa Idade Média, que trata da contínua reformulação da escrita das técnicas mais apuradas dos escritores, da leitura silenciosa e fragmentada e da produção de trabalhos científicos.

E finalmente a concepção de leitura segundo Maria Helena Martins (2007) e o que alguns estudiosos como: Emilia Ferrero, José M. Moran e Marco Silva pensam a respeito da tecnologia no ensino da prática da leitura na escola.

A importância de discutirmos o conceito de leitura, já que o mesmo é entendido por parte dos alunos de maneira muito restrita, alguns exemplos seriam os livros, aulas cansativas, textos extensos, biblioteca como lugar desanimador. Porém se sabe que não é bem assim, muitos professores se esforçam para mudar essa visão negativa dos alunos em relação às aulas de leituras. Conscientizar quão

importante é o conhecimento que os alunos trazem de suas vivências, sua leitura de mundo e trabalhar o conceito de leitura, é um dos objetivos.

Atualmente as aulas de leitura estão muito valorizadas, diversas atividades, possibilidades de vários gêneros textuais, várias maneiras de ver o mesmo assunto, apreciar, ler, reler. Leitura feita pelo professor ou pelo aluno, permitir das opiniões, rever conceitos, comparar leituras, muitas atividades visando desenvolver a fluência leitora e a interpretação textual.

A leitura compartilhada favorece para que todos falem e digam o que acharam do texto, sua visão partilhada. Para Kátia Brakling, em uma publicação denominada “Sobre a leitura e a formação de leitores”. (São Paulo: SEE: Fundação. Vanzolini, 2004.) lembra que, quando se ensina a ler é o mesmo que possibilitar ao outro conhecer o significado do objeto que estiver em questão e mobilizar o leitor a desenvolver suas capacidades de interpretação, conhecer estratégias diferentes e conseqüentemente ampliar experiência de leitura pessoal.

Precisa-se trabalhar mais com a leitura compartilhada, comentar, refletir, propor meios e possíveis soluções, valorizar cada contribuição dada pelos educandos. A partir dos conhecimentos dos alunos, se pode fazer uma ponte para o conhecimento científico, apresentar algo sobre várias óticas isso enriquece, amplia e ocorre a produção e reprodução do conhecimento.

Esta monografia tem como objetivo analisar as práticas da leitura ao longo do tempo e apresentá-la no contexto escolar atual. Conhecer a trajetória da leitura desde a Grécia antiga até a atualidade, apresentar concepções de leitura, analisar algumas estratégias de leitura, refletir sobre as práticas de leitura no âmbito escolar e discutir a inserção das tecnologias nas aulas de leitura.

A relevância da mesma, consiste em produzir um material específico, para fins de consulta aos envolvidos na área de educação.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Trata-se de um trabalho de cunho bibliográfico. Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266) e tem como objetivo solucionar uma problemática por meio de textos que foram publicados para discussão e análise com contribuições científicas. Essa forma de pesquisa dá respaldo para o que foi pesquisado, a maneira e o foco do assunto tratado na pesquisa. Boccato (2006) ainda fala que para se tenha êxito é fundamental que o pesquisador se planeje e se organize para a pesquisa ocorrer de maneira lógica caminhando para a apresentação do tema e divulgação.

A pesquisa em literatura possibilita aprender sobre as áreas do conhecimento que se planeja estudar, facilita a escolha de técnicas e métodos que o pesquisador queira utilizar, ajuda na redação e na discussão do trabalho científico. É um trabalho detalhado, que visa o conhecimento e serve de base para todo tipo de pesquisa. Segundo Gil (2002), pode-se caracterizar pesquisa como um processo racional e sistemático que objetiva produzir respostas aos problemas que são propostos, esse processo passa por várias fases, que se dá a partir das hipóteses iniciais, e que se torna imprescindível adquirir conhecimento sobre o assunto. Gil (2002, p.17) afirma que há diferentes maneiras e razões para se realizar uma pesquisa, e que se divide em duas classes: A de ordem Intelectual e a de Ordem Prática, a primeira é a singela vontade em conhecer algo, e a segunda vem de querer aprender algo para melhorar e fazê-lo de forma mais eficiente e eficaz, portanto uma pesquisa prática pode disponibilizar de saber científicos, como uma pesquisa intelectual pode oferecer conhecimentos sujeitos a aplicação prática. A pesquisa bibliográfica é caracterizada por se concretizar por meio de pesquisas e materiais já elaborados, estes materiais são de diversas fontes como livros (de leitura e de corrente), Publicações e Periódicos (Jornais e Revistas) e Impressos Diversos. Os livros, de acordo com Gil(2002), são fontes bibliográficas por excelência, por sua vasta utilização e em função desta utilização que podem ser considerados como de corrente e de referência, os de corrente são os diversos gêneros literários e também a obras de divulgação que proporcionam conhecimentos científicos ou técnicos, os de referência os que propiciam rápida e resumida informação, resultando assim em sucinta captação de conhecimento, publicações e periódicos são formadas por fascículos e tem como característica. Esse tipo de

pesquisa permite maior e amplo meio de chegar ao conhecimento mais do que aquela que poderia ser feita diretamente para cobertura do fenômeno em questão.

A pesquisa bibliográfica permite lembrar a história da leitura por meio de obras e textos de historiadores da leitura. Além de ser possível uma pesquisa ampla diária. E vale ressaltar que a pesquisa bibliográfica é fundamental para pesquisas que requerem informações históricas.

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A leitura é uma atividade que sempre está passando por mudanças. Desde seus primórdios até hoje modifica a sociedade. À ela estão relacionados muitos fatores, dos quais podem ser citados: língua; letra; linguagem; letras; literatura; escrita; autor; leitor; livro; escola; condições de produção, de comercialização, de divulgação e de aceitação; valor econômico; poder; transformação; classe social; acessibilidade; atividades e funções sociais desempenhadas; memória; entre tantos outros.

Primeiramente, “tinha sua função por meio da oralidade; após, houve a invenção da leitura silenciosa na Grécia Antiga; e, hoje, articula-se com os mais variados processos de circulação, especialmente, com a mídia eletrônica”. (CAVALLO; CHARTIER, 1998). Conhecer a História da Leitura deve ser entendida, como um estudo para construir sentidos, sendo assim já não dá para dizer que um texto tem um sentido único absoluto, mas sim, plural e contraditório que dá sentido ao mundo em variadas épocas e comunidades distintas. As possíveis interpretações têm suas funções sociais, tanto culturais quanto intelectuais. Desta forma, a história cultural da leitura tem como objetivo compreender questões complexas, múltiplas e diferenciadas que constroem o mundo e quem sabe permita entender a vida. Por isso será respaldado na maneira como Roger Chartier amplia a trajetória da leitura e da escrita como atividade social. E na abordagem de seus estudos sobre os cidadãos baseando-se nas informações e nos significados sociais dos textos que embasaremos o presente trabalho. Sua obra fala dos interesses e utilidade que interagem entre leitores, escribas, autores entre outros em variados gêneros textuais. Estes estudos dão respaldo à teoria das escritoras Argentinas Emília Ferrero e Lerner, que, sobre a leitura, afirmam que é constituída por significados. Além da palavra escrita, ela é construída pela interação com o leitor. Chartier (2012)

numa entrevista publicada por Justino Magalhães e traduzida por Mariana Gomes da Silva, na coluna Revista Língua da Uol, o autor frisa sobre o sentido dado pelo autor ao texto e as inúmeras interpretações que um texto ganha por diferentes leitores de várias épocas. Ele analisa as realidades em torno do livro, da leitura e da escrita ao longo do tempo. Indo das formas primitivas de comércio, bibliotecas e traduções. Considera que a primeira notável evolução do livro foi do rolo de papel ao códice. E na opinião dele a mais radical mudança é o suporte eletrônico que possibilita produção e reprodução de textos. E o diálogo entre leitor, escritor e texto ganhou novos significados.

Reportando-se à história da leitura, Manguel (2004) em seu livro “Uma História da Leitura” ele mostra como eram as escolas do século XV e XVI e os métodos utilizados. Assim como Chartier (2012) dedica-se a expor o formato dos livros, da organização das bibliotecas, como a de Alexandria, de responsabilidade de Calímo, que organizou os livros em ordem alfabética. Também relembra que o governo proibia a leitura de muitas obras, enfim, mesmo que cuidando rigorosamente de acontecimentos históricos Manguel (2004) relata sua experiência com o livro, permite que ao lermos sintamo-nos envolvidos com as imagens, com a época. E como ele próprio afirma que pode ser apenas uma das muitas histórias da leitura “talvez seja a história de cada um de seus leitores”, Manguel (2004) retrata a história de leitura de épocas e pensamentos e ao evoluir a sociedade, nas relações sociais e costumes compreende-se que não é uma história acabada, mas que continua se construindo cada vez que se abre um livro e se deixa envolver em palavras num ato milenar.

Após uma breve reflexão sobre a trajetória da leitura e sua função social, desde a Grécia antiga até a atualidade, será apresentado de acordo com a autora Martins (1994), a concepção de leitura, já que a mesma ressalta que a leitura pode assumir os mais diversos significados, e que aprender a ler significa aprender a ler o mundo, compreendê-lo e também a nós próprios, ou seja, o ler não se restringe apenas a dar sentido as letras e as palavras, mas, que através deste ato o indivíduo consiga conscientizar a importância da leitura no contexto da sociedade, interagir: texto, leitor e autor e desenvolver o hábito da leitura nos educandos.

E, neste processo de aprender a ter gosto pela leitura, se deve levar em conta que ler é uma dinâmica que está enraizada em diversos níveis de interação de um indivíduo, por isso não se pode ignorar os conhecimentos prévios dos

educandos. Sob essa perspectiva quanto à leitura e seu ensino, Kleiman (2004, p.49) ressalta que cabe ao professor orientar o aluno a construir o sentido do texto, possibilitando conhecer estratégias de leitura que o auxiliará no desenvolvimento das habilidades linguísticas.

Assim como citamos que aprender a ler é um processo, e os objetivos da leitura mudam conforme as necessidades, e que as possibilidades de interpretação são múltiplas, também podemos ver que a leitura mudou em tamanho, cor, formato e objetivos. Então se torna imprescindível recordar a leitura e a tecnologia empregada em cada época e por fim focar na leitura no âmbito escolar. Para falar sobre a tecnologia atual e o modo como se dá a leitura no cotidiano utiliza-se Moran (1999), que tratará da relação tecnologia e leitura no âmbito escolar nas aulas de leitura. Pois segundo ele: “Enquanto a informação não fizer parte do contexto pessoal _ intelectual e emocional _ não se tornará verdadeiramente significativa, não será aprendida verdadeiramente.”. E complementando a ideia de Moran (1999), Silva(2005) ressaltará sobre o uso da internet na escola e sobre as exigências da cibercultura. Também questionará o modo como a escola utiliza ou não esse meio de comunicação, como ela está ainda agindo em meio a esta geração, geração da cibercultura, que exclui muitos. Para ele escola deve ser o lugar para a inclusão dos educandos na cultura atual.

Segundo o francês Chartier (2012) um dos maiores especialistas em leitura do mundo, destaca que o hábito de ler está muito além dos livros impressos para ele a leitura está em diversos objetos, não devemos ser pessimistas, pois, a leitura acontece desde materiais impressos a meios digitais. Conhecer a história da leitura nos permite conhecer a sociedade, desde a antiguidade até hoje. Os livros e sua evolução muito nos ensinam sobre a evolução da sociedade. O historiador esteve no Brasil para participar do 2º Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, realizado pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Em entrevista à Agência Brasil, reportou-se ao desafio da escola em relação a desigualdade que cresceu com o tempo e o desafio da escola em proporcionar aos desprovidos de oportunidade o acesso ao conhecimento e a compreensão da cultura escrita. A relação complexa da escola e o mundo social, (**Entrevista publicada originalmente pela revista: *Letras com Vida* n.º 5** (Lisboa, Gradiva-Clepul, 2012: 10-15. ISSN: 1647-8088).

E quando se fala na relação da sociedade com a escola, se faz necessário lembrar que cada indivíduo participa de uma comunidade e da sociedade primária, ou seja, a família, e o quanto essas relações sociais influenciam e corroboram para o desenvolvimento de cada educando. Martins (1994) colabora muito quando estudamos seus textos que apresentam a leitura de maneira contextualizada, e como a mesma acontece desde seu nascimento até a fase madura de uma pessoa. Suas concepções de leitura muito enriquecem essa pesquisa, que apresenta a história da leitura, suas concepções e sua importância no ambiente escolar.

Vive-se numa sociedade vibrante de informações, os meios tecnológicos fazem parte de nosso cotidiano. Será discutido neste trabalho como aproveitar as tecnologias para melhorar nossa prática didática e incentivar nossos alunos à leitura de livros, não apenas a leitura fragmentada como vem acontecendo. Moran (1999) fala sobre esta questão tão importante e fundamental,

Muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, nos desmotivamos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas, para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada? ("Mudanças na Comunicação pessoal", 1999).

Assim, para buscar conhecimento acerca da leitura no fazer docente, é necessário conhecer sua trajetória histórica, suas transformações, suas concepções e sua importância para com o desenvolvimento do aprendizado do 'educando. Faz-se vital aprender utilizar das tecnologias para interagir com os sujeitos envolvidos no ensino e na aprendizagem da leitura. Após a análise das literaturas pertinentes, o material levantado foi descrito no trabalho de forma sistematizada.

3.1 A LEITURA NA ANTIGUIDADE E SUA FUNÇÃO SOCIAL

Pode-se perceber que a leitura só é significativa quando alcança o entendimento de seus leitores quem confirma isto é, Michel de Certeau pare ele o texto "somente se torna texto em sua relação com a exterioridade do leitor, por meio de um jogo de implicações e de astúcias entre dois tipos de esperas combinadas: aquela que organiza um espaço lisível (uma literalidade) e aquela que organiza uma abordagem necessária à feitura da obra (uma leitura)".

O texto falado sempre esteve presente na sociedade, “todos os povos, indistintamente, têm ou tiveram uma tradição oral” isto não faz com que a oralidade seja superior a escrita. “trata-se apenas de perceber que a oralidade tem uma “primazia cronológica” indiscutível sobre a escrita”. (Marcushi apud Stubbs, 1980, p.17).

Na Grécia antiga a priori oral era a única maneira de leitura o que era muito valorizado pelos gregos para eles o texto escrito não era recíproco, não havia diálogo se perguntasse algo aos textos, eles não responderiam apenas ficariam inertes com uma pintura. Pensando assim desprezem a ideia de que cada leitura possibilita uma nova leitura. Compreende-se que Platão em:

“O discurso falado, considerado ‘discurso da verdade’ e útil ao processo de conhecimento escolhe seus interlocutores, pode estudar suas reações, esclarecer perguntas e até responder a seus ataques. Já o discurso escrito, pelo contrario, é como uma pintura: se lhe fazemos uma indagação, ele não responde e nada mais consegue, além de repetir-se eternamente.” (MANGUEL, 2002, p. 77).

Contraditoriamente à leitura em voz alta, a leitura silenciosa, solitária também era uma prática importante que permitia uma relação de intimidade entre leitor e o texto. Esta contradição na Grécia do século VI vai até o século V a.c.

Com relação às diferenças entre o oral e o escrito, uma conversa antiga entre Sócrates e Fedro demonstra bem o lugar e o valor de cada um deles:

“Diz a história que um dia contou Sócrates a Fedro que o deus Thot do Egito, inventor dos dados, do jogo de damas, dos números, da geometria, da astronomia e da escrita, visitou o rei do Egito e ofereceu-lhe essas invenções para que as passasse ao seu povo. O rei discutiu os méritos e as desvantagens de cada um dos presentes do deus, até que Thot chegou à arte da escrita: ‘Eis aqui um ramo do conhecimento que irá melhorar a memória e para a sabedoria’. Mas o rei não ficou impressionado: ‘Se os aprenderem isso, o olvido se implantará em suas almas; eles deixarão de exercitar a memória, pois confiarão no que está escrito, e chamarão as coisas à lembrança não de dentro de si mesmos, mas por meio marcas externas. O que descobristes não é uma receita para a memória, mas um lembrete. E não é sabedoria verdadeira o que oferecestes a vossos discípulos, mas apenas sua aparência, pois, ao lhes contar muitas coisas sem ensinar nada fareis com que pareçam muito, embora, em boa parte, não saibam nada. E enquanto homens cheios não de sabedoria, mas do conceito de sabedoria, eles serão um fardo para seus companheiros. Um leitor precisa ser singularmente simplório para acreditar que as palavras escritas podem fazer mais do que recordar a alguém o que ele já sabe”. (MANGUEL, 2004, p. 36).

Os poemas foram o instrumento marcante deste povo. Primeiramente, eles eram cantados, de modo intencional, para facilitar a memorização e assim sua transmissão. Após, o registro destas obras, as mesmas prosseguiram como fonte frequente de leitura. Segundo Funari (2009,p.21), os gregos por muito tempo admiravam poesias, de maneira cantada com assuntos místicos, já que eram cantadas isso facilitava decorar e era facilmente transmitida de uma geração para outra. Um dia foram escritas por um homem, que hoje é muito famoso, Homero.

As bibliotecas eram então guardiãs da cultura sistematizada até então. Um exemplo fora a biblioteca de Alexandria fundada no ano de 310 a.c., e chegou a arquivar muitos rolos, o que era muito difícil encontrar os livros desejados, pois alguns não tinham títulos para ler, alguns apenas tinham as primeiras palavras para identificar o livro, essa disposição dificultava encontrar os textos (Manguel 1997, p.221). Calímaco de Cirene catalogou as obras da biblioteca de Alexandria por assuntos, dispôs os volumes em ordem alfabética, também organizou os rolos maiores em formatos de livros, para facilitar o seu uso.

Fato é que a leitura esteve presente e está em todas as sociedades, independente do objeto lido e desde a antiguidade, em suas mais diversas formas. Observando o valor da leitura oral e da leitura escrita como novidade do livro no mundo grego pode-se definir algumas funções para a leitura naquela época.

A primeira função é a fixação do texto, memorizá-lo, ou ainda, pode-se dizer guardá-lo. Outra função da leitura era a vida em sociedade já que eram poucas pessoas que sabiam ler. Não era fácil a leitura, pois, na escrita antiga as palavras não se separavam, não diferenciavam letras maiúsculas e minúsculas e não havia pontuação. Também era comum os autores lerem seus textos na presença de amigos, os mesmos manifestavam críticas ao texto, e o autor aperfeiçoava sua escrita baseado nas críticas. Para Plínio, o jovem, ler publicamente era prestigiado pois além de ouvir a voz do autor também proporcionava divulgação dos trabalhos. (Manguel 1997, p. 282).

3.2 O LIVRO E SEUS FORMATOS

Analisadas as formas em que a leitura se apresentou na sociedade grega é interessante falar sobre a forma física do livro, como ele era feito, quais as condições para seu aparecimento naquela sociedade. Uma das formas eram as tabuletas

mesopotâmicas, eram blocos de argila quadrados, cabiam nas mãos um livro era composto por várias destas, guardadas numa espécie de bolsa de couro, de forma que o leitor pudesse pegar numa ordem predeterminada.

Manguel (1997) afirma ser possível de os mesopotânicos terem livros encadernados parecidos com os nossos: tabuletas presas umas às outras. O autor informa que alguns textos, por exemplo, as leis, eram livros maiores por representarem aos olhos do leitor mesopotânicos a importância das leis.

Os materiais da época eram poucos, o papiro (hastes secas) podia ser transformado em rolos manuseáveis. Todavia nenhum era apropriado para o formato de livro, pois, a tabuleta era pesada, e o papiro era muito quebradiço para ser dobrado. Por volta do século II a.c na cidade de Pérgamo, um material de escrita feito de pele de animais – o couro – que passou a ser conhecido como pergaminho. De acordo com Escobar (1977, p.14) “O surgimento do pergaminho em lugar do papiro para a elaboração de livros originou a transformação do ‘rolo’ ou ‘volumen’ em ‘códice’ – conjunto de folhas – superpostas e costuradas ou presas de um lado, como a atual forma do livro.”.

Conhecido como Códex, também era raro e pouco prático. Desde o século IV, até oito séculos depois, aparece o papel na Itália, era o material preferido, pois, era resistente e macio. Mesmo tendo que importá-lo a custo considerável do Egito.

No século XVI o formato das folhas dobradas já havia tornado oficial. Na França em 1527, Francisco I decretou, tamanhos-padrões e quem não os seguisse era aprisionado. Mesmo na Grécia escreviam-se cartas à mão em tabuletas de cera reutilizáveis, com o passar dos tempos as tabuletas deram lugar aos pergaminhos com folhas finas. No século III, em Roma esses livretes passaram a ser encadernados em chapas de marfim, decorados para presente (Manguel,2002).

Na Idade Média outro tipo popular de livro, o livro de orações pessoais, representado em pinturas da anunciação. Outra necessidade eram os grandes volumes por volta do século V, a igreja católica começou a fazer diversos livros enormes - de culto- que não eram para serem carregados e sim expostos para os leitores acompanharem as palavras ou notas musicais com facilidade. No decorrer da Idade Média inventaram o atril e a escrivaninha para ler com maior conforto.

3.3 A LEITURA NA IDADE MÉDIA

A Idade Média é marcada pela ruptura com a antiguidade e início da modernidade. Esse período é marcado pela transição da história da humanidade, produção de inúmeras descobertas em vários sentidos. Uma característica forte foi o domínio da religião, católico-cristã que definiu conceitos, econômicos, morais e educacionais para praticamente todo o mundo.

Uma das atividades culturais durante o início da Idade Média foi, a cópia de clássicos antigos, e de qualquer outra área do conhecimento, passavam pelo olhar atento da igreja, acreditava-se que o saber secular era apenas uma preparação para compreensão da Bíblia, todo esse controle da Igreja permaneceu durante dez séculos, por isso, considerado período das trevas.

Não se pode negar que esse período impactou a humanidade, pois, a produção científica foi ricamente desenvolvida e prosperou novas instituições educacionais, fundaram-se as universidades, criaram-se graus superiores e medicina, direito e teologia.

Em relação a leitura, esta consistia num exercício escolar, depois no âmbito universitário. O caráter iniciático da escrita desde a Antiguidade era o domínio de duas práticas, a técnica da escrita em geral também dominava a leitura. O inverso nem sempre ocorria, poucas autoridades liam, mas, escreviam somente o básico, afinal quem o fazia era o Escriba.

Uma das atividades nas universidades era a de um mestre rodeado de discípulos sequiosos pelos prazeres do diálogo, também nas escolas para meninos, desenvolviam-se, a leitura em voz alta e a silenciosa. Somente os filhos de famílias ricas estudavam.

A partir do século XIII surge a necessidade de organizar os textos, fazer as divisões dos livros, como a marcação, de parágrafos, os títulos dados aos diferentes capítulos, as tabelas e índices alfabéticos, que facilitavam encontrar rapidamente o assunto a ser lido ou fragmento para dar respaldo à argumentação. Desaparece a partir daí, a leitura continua e cronológica e dá lugar a leitura fragmentada. Desde a alta Idade Média as coletâneas de citações foram constituindo diferentes domínios.

As cópias de obras que eram ditadas, continuaram sendo escritas agora de maneira silenciosa pelo Escriba.

Esta prática de leitura individualizada, que marcou este período ficou conhecida como leitura escolástica. O acesso facilitado as escrituras, permitia escolhas mais pessoais que coletivas. Por isso esta leitura é diferente das outras

formas desde a Antiguidade. Alguns vocábulos ganham novos sentidos, isso se explica porque desde o século XIII,

“Após a mutação provocada em todos os domínios pela criação das universidades e pela necessidade de definições exatas para designar práticas novas, observa-se maior tenacidade do vocabulário. O século XII constitui a transição e, basicamente por esta razão, os textos dessa época são interessantes. Utilizam-se neles ainda os vocábulos com sentidos antigos, mas, paralelamente, vê-se já aparecerem novas significações. Esse fenômeno nos permite tomar consciência da evolução que irá ocorrer mais tarde e todos os níveis.” (CHARTIER; CAVALLO, 1998).

A partir do século XII que o modelo escolástico começa sofrer as mudanças, a busca pelo rápido ensino fez com que a meditação fosse substituída pela prática superficial de textos inscritos em cursos e não mais o conhecimento aprofundado da obra, com o objetivo de aprender conteúdos basicamente utilitários para torná-los conhecidos por mais pessoas não apenas para o meio monástico.

“A lógica que estava destinada a formar os espíritos seduzirá os intelectuais e invadirá os meios universitários. A arte da discussão irá superar o conhecimento aprofundado dos textos. A memória muito desenvolvida dos homens da Idade Média os ajudará a não mais consultar as obras originais, mas a servir-se unicamente de extratos selecionados por outros. O método de trabalho irá mudar. A criatividade pessoal, em muitos casos, cederá lugar a uma composição bem estruturada, fechada em limites preciosos e em expressões escolásticas, inteiramente típicas. Essa linguagem de grande tecnicidade marcará em parte o início do declínio inevitável do método escolástico. O século XIV assinala uma virada importante nesse aspecto, em que pese a presença de alguns personagens de uma inteligência brilhante”.

A leitura individual tomou o espaço da prática coletiva e transformou-se numa ação silenciosa, tanto na escolha, na produção e na leitura de textos escritos.

3.4 TEXTO ESCRITO E A LEITURA: BAIXA IDADE MÉDIA

O século XIII é um momento que continua a reformulação da escrita - palavras escritas separadas, algumas preposições escritas por símbolos sem ambiguidade, utilização do hífen, as vezes o S maiúsculo para melhorar a visualização da palavra, em Paris algumas palavras eram marcadas o final com , us,tur,m,orum, além do S arredondado no final. Algumas dessas mudanças podem ser consideradas essenciais para leitura silenciosa rápida, que até então dependia do conhecimento das palavras, da organização do texto e quando lido em voz alta aos ouvintes e os mesmos compreenderem a mensagem. Desenvolvia-se a técnica

de memorização de cores e formas de letras para facilitar a localização de determinada informação na página.

Algo notável neste período, anos finais da Idade Média, além das mudanças na forma da escrita, foi a intimidade que passou a existir entre o autor e seu manuscrito, que era a mesma que ocorria entre o leitor e seu livro. Os autores passaram a escrever suas obras por seus próprios punhos e colocavam no pergaminho coisas que jamais ditariam ao escriba.

Escritores como Othlon de Saint Emmeram, no século XI, e Guibert Nogent no século XII, expressaram sentimentos jamais ditados antes. Guibert (História da leitura no mundo ocidental, volume I p. 152.) desenvolveu tanto esta técnica de escrita que secretamente redigiu poemas eróticos seguindo o modelo dos da Antiguidade, também escreveu um livro comentado Gênesis, que escondeu de seu abade. E muitos outros autores escreviam desta forma. No século XII o termo *dictare* deixou de significar somente oral e foi entendido também como expressão de composição por escrito e cópia visual. (História da leitura no mundo ocidental, volume I p. 153.).

Essa tendência de escrita individual e da leitura silenciosa, passa a definir o final da Idade Média. A partir daí, copistas desenvolvem técnicas mais apuradas para seu trabalho, porém isto não quer dizer que entendiam tudo que copiavam. Também surgem os móveis, mesas para os livros, para a realização organizada deste trabalho manual, contudo o que chama atenção para este período é o comportamento individualizado de produção e leitura o que antes estava ligado ao grupo agora assume características sociais individualizadas atitudes estas que passaram a caracterizar as práticas sociais (individualizada) da Europa.

Práticas modernas aparecem neste período, autores que escrevem seus textos a próprio punho, escritas que visam necessidades individuais, leitor que vai à biblioteca e escolhe seu livro e o empresta. Constitui-se um novo indivíduo leitor que reconstrói seus saberes a partir de suas escolhas e experiências literárias. Destaca-se a literatura proibida a leitura pornográfica a leitura não religiosa, e outras, que caracterizam a leitura íntima independente do lugar de leitura.

3.5 A LEITURA MODERNA E CONTEMPORÂNEA: CONCEPÇÕES E O AMBIENTE ESCOLAR

Segundo Martins (2007) a leitura está além do que pensamos. Está além de livros, revistas, folhetos, além da ação mecânica de “passar os olhos sobre um texto”. Ler, então, é descobrir o sentido das coisas e situações, cada um pode ler diferente determinada coisa ou situação. Quando lemos algo que não nos diz nada o natural é que passamos a rejeitá-la. Isto porque “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. (MARTINS, 2007 apud FREIRE, 1982).

Aprendemos a ler quando viemos ao mundo, com os primeiros contatos das “coisas” e pessoas que nos cercam. “Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem em convicção: aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo” (MARTINS, 2007). Quando as pessoas se organizam entre o conhecimento que possuem e o que precisam para resolver determinados problemas – age-se com leituras, se é capaz, então, de qualquer coisa.

Para muitos educadores saber ler e escrever ainda continuam sendo a decoreba de signos lingüísticos. Não entendendo, ou compreendendo, verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade. Outros consideram letrados os que são capazes de estabelecer mudanças nas leis, na sociedade e no mundo. Isto é desconsiderar a idéia do outro a cultura do outro. “Os que realmente são humanos, não são educadores que depositam conhecimento, mas sim aquele que ensina a ler.” (MARTINS, 2007 Apud. FREIRE, 1978).

Tudo isso nos leva a pergunta: Onde o aluno poderia adquirir o “hábito de ler”? Os professores, então, se deparam com essa “crise”, os alunos não têm o hábito de ler. A escola é um lugar que ensina ler e escrever, e para maioria, é “talvez a única oportunidade de contato com os livros”. Apesar disso, segundo Martins (2007) muitos livros didáticos, mais inibem do que incentivam o prazer na leitura. E isso dificulta especificar qual é a concepção de leitura que deve ser trabalhada na escola. Martins também propõe aos educandos que ampliem a concepção de leitura. Que não se prendam a livros, textos escritos, mas que valorizem cada experiência, cada aprendizado. Isto porque o ato de ler proporciona descobrir diferenças culturais, sociais e individuais. Não se pode ficar preso a “culturas” escritas, por letrados. E desprezar a cultura da massa ignorante que perdura por séculos.

Não se deve limitar a leitura a escrita e esquecer que ler envolve a realidade. Maria Helena também nos adverte que “decodificar sem compreender é inútil, compreender sem decodificar, impossível. Há que pensar a questão dialeticamente”. (MARTINS, 2007)

O que também deve ser levado em conta é o meio em que o indivíduo vive, pois ele influencia para o desempenho do leitor. Seria interessante que o Educador passasse a ler com o educando. O professor não deve ensinar a ler, mas sim proporcionar aos alunos momentos de leitura, que eles aprendam a melhor forma de adquirir conhecimentos conforme suas necessidades e desejos.

O professor não apenas alfabetizará e dará acesso aos livros, mas também, conversará com o leitor, sobre o sentido de sua leitura.

Dentre as diversas formas de ler há a leitura sensorial. Ela acontece quando “a visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como as referências mais elementares do ato de ler”. (MARTINS, 2007). Neste tipo de leitura, o leitor passa a conhecer o que gosta e o que não gosta, mesmo inconscientemente, sem racionalizações, algo que impressiona a visão, o tato, o olfato ou o paladar. Ler uma canção, uma comida... é fácil, mas...e um livro?

Há muitas estratégias que podem ser utilizadas no processo de leitura. Antes de ler um texto escrito, por exemplo, pode-se ver a capa, as ilustrações, o material usado, a forma e outros fatores. Tudo isso desperta a curiosidade muito mais de uma criança do que do adulto.

Já a leitura emocional. Este tipo de leitura é menos utilizada entre os ditos letrados, pois revelam subjetividade. De repente nos vemos emocionados com alguma cena ou trecho lido, muitos se expressam ou refreiam essa emoção disfarçando aparentemente.

Enquanto passatempo de leitura, sobre variados assuntos, é o modo que encontramos para extravasarmos nossas emoções, satisfazer curiosidades e alimentar nossas fantasias. Portanto na leitura emocional é deixar-se envolver pelo que se lê. Uma cena, uma canção, um livro, um filme, são lidos de um jeito individual de cada leitor.

Já, a leitura racional ganha status de letrado, pois não se compara com as experiências vividas, isso diminui sua significação, revela ignorância. Aprecia-se a linguagem em especial a artística. “Seja o leitor inculto ou erudito, seja qual for a origem do objeto de leitura, tenha ele caráter utilitário, científico, artístico, configure-

se como produto da cultura folclórica, popular, de massa ou das elites” (MARTINS, 2007, p.65).

“Em síntese, a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe no ato de ler, atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais. E ela não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite, alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social”. (MARTINS, 2007, p.66)

Para a leitura acontecer é necessário que se sinta vontade de conhecer mais. Cada leitor tem que descobrir uma forma para efetuar a leitura. O fundamental da leitura é o interesse em realizá-la.

“A releitura traz muitos benefícios, oferece subsídios consideráveis, principalmente a nível racional de apontar novas direções de modo a esclarecer dúvidas, evidenciar aspectos antes despercebidos ou subnotados, apurava a consciência crítica acerca do texto, propiciar novos elementos de comparação. (MARTINS, 2007, p. 85).

O importante é que não aceite simplesmente texto sem o questionar. Portanto deve-se esclarecer, estabelecendo comparações com outros leitores ou outros textos.

“A leitura, mais cedo ou mais tarde, sempre acontece, desde que se queira realmente ler. Acima de tudo, precisamos ter presente que na conseguimos, de vez, dar o pulo de gato – bem, que se continue andando ainda um pouco, pois não é pecado caminhar”. (MARTINS, 2007 p.87).

E na escola também se tem concepções de leitura. Em determinados ambientes escolares a leitura é menos presente no cotidiano do brasileiro, à pobreza no seu ambiente de letramento, até a própria formação de professores não leitores.

É importante frisar que para formar leitores, todavia, deve-se ter paixão por leitura e que

“Talvez não haja na nossa infância dias que tenhamos vivido tão plenamente como aqueles que pensamos ter deixado passar sem vivê-los, aqueles que passamos na companhia de um livro preferido. Era como se tudo aquilo que para os outros os transformava em dias cheios, nós desprezásemos como um obstáculo vulgar a um prazer divino...” (PROUST, 2001).

Para muitos o ato de ler é uma situação tortuosa, pelo fato de nem todos terem “doces” recordações das histórias que a mãe lia antes de dormir. Para a maioria a primeira lembrança são cópias maçantes até a mão doer; ou então ler (olhar) os textos à procura de dígrafos; encontros consonantais. Por isso a formação de um professor influencia para mudança na área de leitura. (KLEIMAN, 2004).

3.5 LEITURA E TECNOLOGIA

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa afirmam que a leitura é meio pelo qual se tem o acesso a outras formas de conhecimento “Uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina a ler e a escrever.” (1997, p. 65).

Saber codificar e decodificar os signos não é sinal que o indivíduo seja alfabetizado, saber ler e escrever não é sinal de leitura proficiente. Para o cidadão estar ativo numa sociedade é preciso saber fazer uma leitura crítica das mensagens escritas – uma leitura que permita repensar conceitos, fazer pontes com outros conhecimentos. Ferreiro (2008) quando é questionada sobre a chegada dos computadores, afirma que

Vai além quando é questionada sobre a chegada dos computadores: A presença da escrita na tela do computador é hoje um fato universal. A tecnologia da informação e da comunicação está trazendo mudanças importantes não apenas no mercado de trabalho, mas também nas práticas de leitura e escrita. (FERREIRO, 2008)

Também caracteriza o texto no computador, associando-o à Antiguidade.

Navegar na internet exige um comportamento do leitor bastante diferente do comportamento que ele tem diante do livro. Para começar o texto circula na tela no sentido vertical. Lembra a manipulação de um rolo, como se fazia na Antiguidade Clássica, antes da invenção do livro, o qual manuseamos virando páginas. A organização da página do livro é muito diferente da que temos na tela de um computador, que está cheia de distratores. (FERREIRO, 2008).

A dinâmica oferecida pela tecnologia atrai o público, principalmente o discente que tem a necessidade de ser, primeiramente, atraído pelo texto através de ilustrações e ou sonoridade.

Outro aspecto a ser considerado é que as facilidades que a Tecnologia oferece oportunizam ao professor “n” possibilidades para o preparo de suas aulas. É importante frisar que estamos na era digital e estar online não significa estar inserido na cibercultura. A triagem de informações é a base para escolha e só se podem escolher quando são oferecidas opções.

Silva (2005) diz sobre a necessidade de a escola utilizar a tecnologia como parceira:

Se a escola não inclui a internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo a exclusão social ou a exclusão da cibercultura. (SILVA, 2005).

José M. Moran (2008) também afirma que nem tudo que se encontra no mundo virtual pode ser bom, mas é o

manuseio que dá condições do leitor aprender se é ou não: O estar no virtual não é garantia de qualidade (esse é um problema que dificulta a escolha), mas amplia imensamente as condições de aprender, de acesso, de intercâmbio, de atualização. Tanta informação dá trabalho e nos deixa ansiosos e confusos. Mas é muito melhor do que acontecia antes da Internet, quando só uns poucos privilegiados podiam viajar para o exterior e pesquisar nas grandes bibliotecas especializadas das melhores universidades. Hoje podemos fazer praticamente o mesmo sem sair de casa. (MORAN, 2008).

Deve-se refletir que não é muito comum, alunos, lerem obras completas de Machado de Assis frente a uma tela, o que geralmente ocorre é uma leitura fragmentada, porém cabe aos educandos e a escola orientar aos alunos que um romance se lê aos poucos de forma reflexiva. O que é um desafio aos professores. Contudo há que se pensar em políticas públicas para o bom uso das mídias, da internet para ajudar no desenvolvimento escolar.

Lê-se o tempo todo: e-mails, reportagens e artigos enviados por e-mail, frases e histórias contadas por amigos nas redes sociais, como Facebook e Twitter. Mudamos de um site a outro, seguindo os assuntos e frases que prendem nossa atenção, mesmo que apenas por alguns segundos. Será que essa prática faz bem ou mal para nossos hábitos de leitura? Para um texto ter valia, ele precisa de ser lido, e a forma como o leitor vai interagir com o texto dará sentido de acordo com sua visão de mundo.

Existem hoje no mercado livros digitais embora pouco usados no Brasil. Leitores de todas as idades procuram por esses livros em algumas bibliotecas espalhadas pelo mundo elas possuem o e-reader que armazenam vários e-books, também permitem o ajuste do tamanho do texto, é instalado neste aparelho um software de empréstimos, que não permite que a pessoa renove, mas pode emprestá-lo outra vez se não estiver reservado. Infelizmente seu preço ainda é muito alto.

Quanto ao uso das tecnologias nas aulas de leitura é preciso compreender que devido ao crescimento das mídias digitais, expandiu a possibilidade da atuação da leitura, propiciando o letramento digital, e a importância de saber usar esses meios de comunicação para interagir na sociedade digital. E o interessante é que para produzir textos digitais se faz necessário conhecer vocabulário para ser entendido. Hoje, de todo projeto de incentivo à leitura, se espera a inserção da tecnologia nele a cibercultura colabora para a produção de enunciados e abre

espaço para que todos sejam ouvidos por muitos. Que a juventude utiliza muito a Internet já se sabe, porém, o que deve ser refletido é sobre quais as habilidade ele tem desenvolvido, se o que ele tem progredido em relação sua maneira de pensar e ver o mundo que o cerca. É muito importante trabalhar esta questão nas aulas de leitura na escola, os professores precisam conhecer as ferramentas digitais que contribuem para o desenvolvimento da leitura e da escrita, oportunizar a inclusão digital e relacioná-la com seu cotidiano.

A diversidade e gêneros dispostos na Internet e também a presença do Hipertexto permite que o leitor vá escolhendo o que quer ler e delineando suas escolhas. O Hipertexto é elaborado coletivamente e o leitor-navegador se torna co-autor ativo desses textos. Agindo de maneira ativa e criativa escolhendo seus textos, construindo seu conhecimentos e produzindo autonomamente textos que desejar, tudo isso por meio de links, hiperlinks entre outras ferramenta que o universo tecnológico oferece. Vale ressaltar que algumas vezes esses hiperlinks e links quando mal empregados desviam a atenção do leitor favorecendo o abandono à leitura, ou então proporcionar falta de compreensão. Para Marcuschi (2001) há outros fatores que podem causar abandona à leitura, ou impaciência, por exemplo: as letras (foram), o tamanho da fonte, o tipo de monitor, a leitura na tela é mais cansativa e mais lenta. Para que haja uma pesquisa eficaz é necessário que o leitor tenha maturidade intelectual e consciência do que se busca diz Chartier (2002).

Os ambientes virtuais são utilizado o tempo todo e os textos virtuais são produzidos também fora da escola, muitas vezes nossos educando não compreende o que leem. É importante que a escola se mobilize e que haja alguns momentos nas aulas que viabilize a produção e a leitura de textos virtuais, não apenas o papel impresso, mas, que tenha um momento de utilização desses meios para a capacitação de nosso alunos que tanto utilizam os ambiente virtual.

O professor que deseja trabalhar com a leitura e usar as tecnologias a favor de suas aulas precisa se planejar, instigar aos alunos a pesquisa consciente, ensinar a trocar ideias com os colegas sobre seus conhecimentos tecnológicos auxiliando um ao outro e despertar nos educando a crítica às tecnologias, habilitá-lo a sua produção livre e responsável.

E falando em saber usar conscientemente esses meios de comunicação Soares(2002) fala desse novo letramento, pois dominar as práticas de escrita e leitura na cibercultura é diferente do letramento já conhecido, pois as

tecnologias permitem novas formas de se expressar de se construir e compartilhar o saber. O acesso a informação juntamente com novas maneiras de ler e escrever, ou seja, novas práticas por meio de uma tela. O professor deve orientar os alunos e ser o intermediador. Possibilitar que os alunos aprendam a utilizar de maneira consciente, crítica e responsável as mídias que o cerca. Na sala de aula, o que se entende é que além de internet, novas estratégias para ensinar a ler e produzir textos, conhecimento sobre as mídias e também se faz necessário apoio pedagógico para a inserção das novas tecnologias na formação básica dos educandos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa evidenciou-se que há muito para se pesquisar, refletir sobre como se dá a leitura no âmbito escolar e que práticas que ainda não foram trabalhadas e que possivelmente poderiam proporcionar respostas positivas no que diz respeito a formação do educando como sujeito leitor, crítico e interessado em atuar na sociedades em que vive. Também foi discutido sobre a integração das tecnologias na sala de aula que podem ajudar no ensino/aprendizagem e no processo de aprender a real importância da leitura na vida de um indivíduo.

Contudo, se pode dizer que a leitura que era para pouco e poucos faziam uso da mesma, hoje ela está disseminada na sociedade, grande parte faz uso dela, alguns com mais intensidade e mais prestígio, outros de maneira ainda tímida e ineficaz. Há aqueles que necessitam de muita orientação e que precisam de alguém que pegue nas mãos e ajude a caminhar. Como diz Chartier(2004), não se pode ser pessimista: a leitura acontece em vários momentos de diversas maneiras, precisa-se perceber os textos do cotidiano que são significativos para os educandos e a partir deles interagirmos com nossos alunos, não podemos deixá-los a margem da nossa aula de leitura. É importante que eu conheça as inúmeras realidades de uma sala de aula, integrar os conhecimentos hierárquicos, criar pontes com os saberes individuais e conexões para viagens que jamais serão esquecidas por meios de textos. Possibilitar que todos embarquem que ninguém fique sozinho em seu mundo, isolado. Deve-se levar em conta que há no mercado e algumas escolas já disponibilizam de recursos para que as aulas de leitura sejam dinâmicas e atualizadas.

Pode-se ressaltar que no decorrer desta pesquisa se comprovou que a leitura sempre esteve presente nas sociedades, tanto nas letradas, quanto nas iletradas, pois sempre alguém a reproduzia mesmo que oralmente. Ela é crucial para a aprendizagem do ser humano. Por meio dela podemos viajar, enriquecer nosso conhecimento, exercitar o raciocínio e a interpretação. Com a tecnologia presente a todo o momento em nossas práticas sociais, ler um livro impresso para alguns é impossível. Não podemos de utilizar estes meios tecnológicos para o incentivo a leitura. Temos que usar como um aliado e não como um obstáculo. O hábito de ler melhora nosso vocabulário e o amplia. A leitura nos apresenta novos mundos, cheios de novas coisas. O hábito de ler necessita ser estimulado desde cedo, para formar um adulto que tenha prazer em ler. Como Martins(1994) frisa, que ler vai além de codificar e decodificar signos, saber ler é ler o mundo que nos cerca. Freire (1978) ainda destaca que precisa saber o lugar que ocupamos na sociedade, para podermos nos reconhecer como sujeitos que podem e devem mudar o meio que vivemos. Toda instituição de ensino deve promover um ensino de qualidade que ensine a ler a vida, trabalhando para formação de uma população mais crítica e que sabe usar das tecnologias.

Portanto, compreende-se que a leitura está relacionada a todas as vivências dos sujeitos, e que por meio do conhecimento da história da leitura e das transformações da leitura e do livro, pode-se em meio a uma geração tecnológica formar leitores que sintam prazer em se deliciar com a leitura de um livro impresso. Um leitor que esteja apto a ler os textos que circulam no cotidiano repleto de informações e saber escolher o que é melhor para si.

REFERÊNCIAS

BOCCATO, V. R. C. Metodologia **da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa**. Brasília, MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a distância. **Integração das tecnologias na Educação**. Brasília, 2005.

CAVALLO, Guglielmo e CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo:Ática, 1998. V 1. E 2.

CHARTIER, ROGER. <http://revistalingua.uol.com.br/textos/108/o-destino-da-leitura-327450-1.asp>, **Entrevista publicada originalmente pela revista: Letras com Vida n.º 5** (Lisboa, Gradiva-Clepul, 2012: 10-15. ISSN: 1647-8088), do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2012-06-24/habito-de-ler-esta-alem-dos-livros-diz-um-dos-maiores-especialistas-em-leitura-do-mundo>

Hábito de ler está além dos livros, diz um dos maiores especialistas em leitura do mundo. Amanda Cieglinski, Repórter da Agência Brasil.

_ Copyright 1996 primeira edição no Canadá pela Alfred A. Knopf, nos Estados Unidos pela Penguin USA e no Reino Unido pela Harper Collins. Título original: **A history of reading** Tradução: Pedro Maia soares. Companhia das Letras 2004

ESCOBAR, Hipólito. **História do livro em cinco mil palavras**. Tradução: Aída Nery da Fonseca. São Paulo: Quirón, Brasília: INL, 1977. 49 p. In Revista Pítágoras. ISSN: 984-185 x v.e N,3, Nov. – 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo, Ed. Contexto, 2009.

KLEIMAN, Ângela B., **Oficina de Leitura: Teoria e prática**, 10^o, Campinas, SP: Pontes, 2004.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo, companhia das letras, 2002.

MARCUSCHI, Luis Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**- 8 ed –São Paulo: Cortez 2007.

MARTINS, Maria helena. **O que é leitura?** 19^a Ed. São Paulo,, 1994 ed. Brasiliense – coleção primeiro passos, nº 74.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**; Tradução: Carlos Vogt, 3^a edição. Editora Pontes, 2001.

SILVA, Marco. **Internet na escola e inclusão**. In: Secretaria de Educação a Distância. Integração das tecnologias na educação. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. pp.62 – 69.

FERREIRO, Emilia. **Valoriza as novas Tecnologias**. Disponível em http://www.planetaeducacao.com.br/ambientevirtual/conteudo/conteudomensagem.asp?ID_POSTAGEM=119&siteArea=64&assuntoid=41. Acesso em 8 de jun. de 2013.

FERREIRO, Emilia. **Computador Muda Práticas de Leitura e Escrita**. Disponível. [Http://www.planetaeducacao.com.br/ambientevirtual/conteudo/conteudomensagem.asp?ID_POSTAGEM=116&siteArea=64&assuntoid=41](http://www.planetaeducacao.com.br/ambientevirtual/conteudo/conteudomensagem.asp?ID_POSTAGEM=116&siteArea=64&assuntoid=41). Acesso em 8 de jun. de 2013.

GOUVÊA, Silvia F. **Os Caminhos do Professor na Era da Tecnologia**. Disponível: http://www.planetaeducacao.com.br/ambientevirtual/conteudo/conteudomensagem.asp?ID_POSTAGEM=125&siteArea=64&assuntoid=41. . Acesso em 8 de jun. de 2013.

MORAN, José M. **A integração das tecnologias na educação**. Disponível em <http://www.planetaeducacao.com.br/ambientevirtual/conteudo/conteudomensagem.a>

sp?ID_POSTAGEM=112&siteArea=64&assuntoid=41. . Acesso em 8 de jun. de 2013.

POLATO, Amanda <http://revistaepoca.globo.com/cultura/noticia/2013/03/livros-digitais-ajudam-revigoriar-bibliotecas-publicas.html>. . Acesso em 8 de jun. de 2013.
SILVA, Marco. **Internet na escola e inclusão**. In: Secretaria de Educação a Distância. Integração das tecnologias na educação. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. pp.62 – 69.

<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-1/importancia-leitura-sala-aula-fluencia-leitora-748409.shtml>).

<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf> - Palestra proferida pelo Professor José Manuel Moran no evento " Programa TV Escola - **Capacitação de Gerentes**", realizado pela COPEAD/SEED/MEC em Belo Horizonte e Fortaleza, no ano de 1999.